



Curso Superior de Letras-Inglês (Licenciatura)

Wendel de Lacerda Silva

**“ESSE OUTRO LUGAR SECRETO”:
a língua inglesa como espaço de construções identitárias de licenciandos/as LGBTQIA+
de um curso de Letras-Inglês**

Brasília-DF
2025

Wendel de Lacerda Silva

**“ESSE OUTRO LUGAR SECRETO”:
a língua inglesa como espaço de construções identitárias de licenciandos/as LGBTQIA+
de um curso de Letras-Inglês**

Artigo apresentado ao Curso Superior de Letras-Inglês, do Campus Riacho Fundo, do Instituto Federal de Brasília como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Língua Inglesa.

Orientador(a): Prof. Dr. Newton Vieira Lima Neto

Brasília-DF
2025

Silva, Wendel de Lacerda.

“ESSE OUTRO LUGAR SECRETO”: a língua inglesa como espaço de construções identitárias de licenciandos/as LGBTQIA+ de um curso de Letras-Inglês / Wendel de Lacerda Silva ; orientação Newton Vieira Lima Neto. — Riacho Fundo, DF: 2025.
28 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras-Inglês) — Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo, Riacho Fundo, DF, 2025.
Orientador(a): Newton Vieira Lima Neto.

1. Identidades. 2. Língua inglesa. 3. Formação de professores. 4. LGBTQIA+. 5. Heteronormatividade. I. Lima Neto, Newton Vieira, orient. II. Instituto Federal de Brasília. III. Título.

RESUMO

Este artigo investiga como a língua inglesa emerge como espaço simbólico de auto(re)conhecimento, pertencimento e reinvenção identitária para professores/as de língua inglesa em formação que se autodeclararam LGBTQIA+. Ancorado em uma perspectiva sociocultural e discursiva da linguagem, e dialogando com autores como Revuz (1998), Hall (2006), Moita Lopes (2001), Nelson (2011) e Pennycook (2001), o estudo compreende a aprendizagem da língua estrangeira como um processo que desloca sujeitos de suas referências habituais, produzindo brechas para outras formas de existir. A pesquisa, de natureza qualitativa, apoiou-se em narrativas escritas e entrevistas semiestruturadas produzidas por quatro participantes do curso superior de Letras-Inglês de um Instituto Federal, que se autodeclararam LGBTQIA+. Esses instrumentos foram analisados por meio da Análise de Conteúdo (Gerhardt & Silveira, 2006; Moraes, 1999), com o objetivo de compreender os sentidos atribuídos pelos participantes ao inglês em suas trajetórias. Os resultados evidenciam que a língua inglesa funcionou, para eles, como um espaço secreto, seguro e afetivo no qual puderam acessar discursos, expressar dimensões subjetivas e elaborar identificações que não pareciam ter lugar na língua materna, marcada por normas heteronormativas. Assim, compreende-se que a língua inglesa pode funcionar como um espaço de proteção, pertencimento e construção identitária, ajudando sujeitos LGBTQIA+ a elaborar suas experiências e se reconhecerem de novas formas, além de contribuir para a possibilidade de práticas pedagógicas que acolham, visibilizam e legitimam experiências dissidentes no ensino de línguas.

Palavras chave: identidades; língua inglesa; formação de professores; LGBTQIA+; heteronormatividade.

ABSTRACT

This article investigates how English emerges as a symbolic space for self-(re)cognition, belonging, and identity reinvention among English language teaching undergraduates who identify as LGBTQIA+. Grounded in a sociocultural and discursive perspective of language, and drawing on authors such as Revuz (1998), Hall (2006), Moita Lopes (2001), Nelson (2011), and Pennycook (2001), the study understands foreign language learning as a process that displaces people from their habitual references, opening breaches for alternative ways of existing. The qualitative research relied on written narratives and semi-structured interviews produced by four participants enrolled in an English Language Teaching program at a Federal Institute, all of whom self-identified as LGBTQIA+. The research instruments were analyzed through Content Analysis (Gerhardt & Silveira, 2006; Moraes, 1999) in order to understand the meanings participants attributed to English throughout their trajectories. The findings show that English functioned as a secret, safe, and affective space in which participants were able to access discourses, express subjective dimensions, and construct identifications that did not seem to find space in their heteronormatively regulated mother tongue. Thus, English can be understood as a space of protection, belonging, and identity construction, enabling LGBTQIA+ individuals to elaborate their experiences and recognize themselves in new ways, while also contributing to the possibility of pedagogical practices that acknowledge, make visible, and legitimize dissident experiences in language education.

Keywords: identities; English language; LGBTQIA+; teacher education; heteronormativity.

**“ESSE OUTRO LUGAR SECRETO”:
a língua inglesa como espaço de construções identitárias de licenciandos/as LGBTQIA+
de um curso de Letras-Inglês**

Wendel de Lacerda Silva¹

INTRODUÇÃO

“Para de chorar, parece uma mulherzinha”; “Isso não é coisa de homem”. Frases como essas acompanharam minha formação e, de certa forma, pareciam delimitar o que eu² podia ou não ser dentro da comunidade em que cresci. Aprender a língua inglesa me possibilitou fugir dessa realidade e entrar em contato com assuntos que me interessavam, mas que eu acreditava que não podiam ser acessados em minha língua materna por conta da não aceitação por parte de uma comunidade heteronormativa.

É nesse sentido que enxergo que, à certa altura, a língua inglesa se tornou um refúgio para mim, um espaço onde eu finalmente parecia poder me expressar de forma genuína e autêntica. Ao utilizá-la, ninguém podia me moldar ou me encaixar em um formato pré-estabelecido. Foi por meio dela que pude descobrir o que realmente me interessava, sem a influência do meio. Trechos como “eu sou lindo do meu jeito/ pois Deus não comete erros/ estou no caminho certo, meu bem/ eu nasci desse jeito”³ da música *Born This Way* de Lady Gaga, foram exemplos dessa sensação de acolhimento que encontrei na língua inglesa. Essa experiência me evidenciou como o contato com outra língua poderia abrir caminhos para a autoexpressão para construções identitárias outras, especialmente para sujeitos cujas vivências são silenciadas por normas sociais.

A aprendizagem de uma língua estrangeira, segundo a perspectiva de Revuz (1998), não se resume à aquisição de um sistema linguístico, ela toca em dimensões identitárias e subjetivas. Para a autora, falar outra língua pode representar o desejo de acessar “um outro lugar” (Ibid, p. 213) cultural, afetivo, social, quanto também o risco de um exílio simbólico, evidenciado pelo distanciamento e pela inadequação em relação à língua materna e às normas que ela carrega.

¹ Licenciando em Letras-Inglês do Instituto Federal de Brasília. E-mail: wendel.lacerda2@gmail.com

² Neste artigo, emprego a primeira pessoa do singular nos trechos em que a exposição da minha própria experiência se mostra pertinente para a compreensão do percurso analítico. Na maior parte do texto, contudo, privilegio o uso de construções linguísticas mais impessoais.

³ Tradução minha de “I’m beautiful in my way/ 'cause God makes no mistakes; I’m on the right track, baby/ I was born this way.”

Assim, quando estudam uma nova língua, as pessoas poderiam se deslocar das barreiras impostas por seu contexto de origem e passar a experienciar modos diferentes de existir no mundo. Quando se pensa em jovens LGBTQIA+⁴, esse deslocamento pode significar a abertura de um espaço seguro para a expressão de identidades historicamente silenciadas, permitindo que encontrem na língua inglesa novas possibilidades de pertencimento e construção de si.

No contexto educacional brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular — BNCC (Brasil, 2018), documento orientador das políticas curriculares nacionais, estabelece que o ensino da língua inglesa deve possibilitar o envolvimento crítico dos estudantes em um mundo globalizado e culturalmente diverso. A BNCC reconhece a língua inglesa (LI) como um instrumento que amplia o repertório comunicativo dos sujeitos e contribui para sua formação cidadã, promovendo o acesso a diferentes culturas, saberes e modos de vida.

Ainda assim, é possível observar que a temática LGBTQIA+, apesar de sua relevância para a compreensão da diversidade cultural e social contemporânea, é raramente abordada de forma explícita nas aulas de língua inglesa. Essa ausência não parece apenas limitar o repertório cultural dos estudantes, mas também pode impedir a construção de um ambiente educacional que valide e represente as experiências de jovens LGBTQIA+, reforçando a invisibilidade e o silenciamento de suas identidades no contexto escolar.

É nesse cenário que emerge a necessidade de compreender o papel da língua inglesa nas construções identitárias de pessoas historicamente marginalizadas no espaço social e educacional, como é o caso de professores/as de língua inglesa em formação inicial — aqui também referidos como licenciandos/as — que se autodeclaram parte da comunidade LGBTQIA+. Inseridos em contextos marcados por normas linguísticas e sociais heteronormativas, essas pessoas podem não encontrar, em sua língua materna, espaços legítimos para a autoexpressão de suas identidades. Expressões comuns como “fala como homem” ou “senta como uma garota” ilustram os mecanismos cotidianos que reforçam papéis de gênero e de repressão identitária.

Nesse sentido, uma língua estrangeira poderia, portanto, funcionar como uma alternativa simbólica e prática para a expressão da subjetividade desses jovens. Ao se apropriarem da LI por meio do contato com mídias estrangeiras, interações on-line e produções culturais, muitos constroem espaços de expressão mais autênticos, livres das limitações e censuras impostas em ambientes heteronormativos. Como argumenta Pennycook

⁴ LGBTQIA+ é a sigla para pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Transexuais/Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, e outras identidades e orientações dissidentes.

(2001, p. 10), “[...] a linguagem não pode ser autônoma a ponto de se esquivar de conectá-la a questões políticas mais amplas.”⁵ Isso demonstra que o uso de determinada língua pode ser também uma forma de resistência. Entretanto, poucos estudos no contexto brasileiro têm investigado de que modo a aprendizagem e o uso da língua inglesa se relacionam com os processos de construções identitárias de pessoas LGBTQIA+, especialmente entre jovens que encontram na língua estrangeira um espaço simbólico de liberdade e pertencimento.

A proposta deste estudo parte, portanto, da observação tanto pessoal quanto teórica de como a língua inglesa pode atuar como espaço de resistência e reinvenção identitária para pessoas LGBTQIA+. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é investigar se e como a língua inglesa pode contribuir para processos de auto(re)reconhecimento e pertencimento, bem como impactar construções identitárias de professores/as de língua inglesa em formação que se autodeclaram parte da comunidade LGBTQIA+. Para isso, o artigo se organiza em seis seções. Nas três primeiras, apresenta-se o aparato teórico que fundamenta a discussão. Na quarta e na quinta seção, introduz-se respectivamente o percurso metodológico e a análise do corpus, a partir da exploração sobre de que maneira o contato com a LI pode contribuir para processos de auto(re)conhecimento, construção de identidades e pertencimento. Por fim, a sexta seção reúne as considerações finais.

1 CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

O conceito de identidade, antes compreendido como algo estável e essencial, tem sido amplamente problematizado pelos estudos culturais e pela Teoria Queer. Hall (2006) argumenta que as identificações são processos sociais e discursivos em constante transformação, marcados por deslocamentos, incompletudes e pela influência das relações de poder. Assim, a identidade não é algo imutável, mas uma construção contínua que se dá na interação com discursos que definem o que pode ser reconhecido como legítimo em determinado contexto histórico e social.

Essa relação entre sujeito e discurso é observada desde os primeiros contatos com a linguagem. Antes mesmo de aprender a falar, a criança já é envolvida por discursos que a nomeiam, descrevem e definem. Como afirma Revuz, “[...] muito tempo antes de poder falar, a criança é falada intensamente pelo seu ambiente, e não há uma palavra que não seja, a um só tempo, designação de um conceito e discurso sobre o valor atribuído a esse conceito pelo

⁵ Tradução minha do original “[...] language cannot be an autonomous one that backs away from connecting language to broader political concerns.”

ambiente.” (Revuz, 1998, p. 219) Isso mostra que a língua é aprendida não apenas como um conjunto de palavras e regras, mas também como um sistema de valores e significados sociais que antecedem o sujeito e moldam sua forma de compreender a si e ao mundo.

A noção de identidade, frequentemente entendida como aquilo que singulariza o ser, carrega uma contradição em sua origem. A palavra deriva de *idem*⁶, aquilo que é idêntico, o mesmo. A compreensão de que a identidade não é uma propriedade isolada do sujeito se constitui justamente na relação com aquilo que o atravessa. Como observa Coracini (2000), a identidade não nasce pronta nem é um atributo inato, ela se forma ao longo do tempo, por meio de movimentos inconscientes da possibilidade de aproximação com o outro, sempre marcada por incompletude e transformação. Por isso, a autora defende o uso do termo identificação, já que só conseguimos captar instantes em que o sujeito se reconhece.

Nesse sentido, as reflexões de Foucault (1988) ajudam a compreender como os dispositivos de poder produzem corpos e subjetividades ao instituir normas que delimitam o que é considerado aceitável ou desviante. As identidades de gênero e sexualidade, por exemplo, são atravessadas por regimes normativos, como a heteronormatividade compulsória, que se consolidam por meio de instituições como a escola, a família e a mídia (Louro 2001). Esses espaços não apenas reproduzem normas, mas também as legitimam, naturalizando certos modos de existência enquanto marginalizam outros.

No caso de pessoas LGBTQIA+, assumir identificações dissidentes significa desafiar essas regulações e reivindicar reconhecimento em contextos historicamente marcados pelo silenciamento e pela violência simbólica. Como destaca Miskolci (2009), a diferença não é um desvio a ser corrigido, mas um ponto de tensão que revela as fronteiras e os mecanismos de exclusão das normas que organizam a vida social. Compreender o construto das identidades sob essa perspectiva implica, portanto, reconhecer sua dimensão política e seu potencial transformador nas lutas por visibilidade e legitimidade.

2 A LÍNGUA INGLESA COMO ABERTURA AO OUTRO

Nas últimas décadas, a língua inglesa consolidou-se como um dos principais meios de circulação de saberes, culturas e tecnologias no mundo globalizado. Mais do que um idioma de comunicação internacional, o inglês se tornou um símbolo de mobilidade social, prestígio e acesso a diversos espaços, seja no campo acadêmico, profissional ou cultural. Essa

⁶ Do latim *idem* (neutro) “o mesmo”, cf. entrada ‘*identity*’ no *Online Etymology Dictionary*. Disponível em: <https://www.etymonline.com/search?q=identity>. Acesso em 03 dez. 2025.

centralidade, no entanto, não é neutra, ela reflete processos históricos de colonização, imperialismo linguístico e globalização econômica que atribuem ao inglês um papel de língua hegemônica.

Por reunir todos esses elementos, o inglês é comumente abordado como língua global, internacional ou franca. No entanto, este trabalho propõe o deslocamento desse enquadramento e tratar o inglês sobretudo como língua estrangeira, na perspectiva proposta por Revuz. A autora argumenta que esse encontro com o “outro linguístico” pode produzir efeitos subjetivos importantes, pois desloca o sujeito de suas referências habituais e o possibilita negociar novas identificações.

Nesse cenário, compreender a língua inglesa apenas como um instrumento de comunicação é insuficiente. Como argumenta Pennycook (2001), a língua pode ser entendida como uma prática social permeada por relações de poder e por ideologias que moldam modos de ser e de existir. Aprender inglês, portanto, não significa apenas aprender vocabulário, pronúncia e estruturas gramaticais, mas também participar de práticas discursivas que possibilitam o vislumbre de novas identificações e narrativas sobre si.

Pesquisas na área da Linguística Aplicada têm evidenciado como o contato com a língua inglesa pode abrir caminhos para a discussão de assuntos voltados à comunidade LGBTQIA+ no ensino de línguas, favorecendo processos de identificação e pertencimento. Nelson (2009), por exemplo, destaca que as interações em salas de aula de inglês podem oferecer espaços significativos para que identificações sejam expressas, negociadas e até mesmo contestadas, mesmo diante de normas heteronormativas dominantes. Nessa perspectiva, as salas de aula de língua inglesa podem se tornar ambientes de resistência, nos quais estudantes LGBTQIA+ podem experimentar formas alternativas de existir e de utilizar a língua como espaço de auto(re)conhecimento e construções identitárias.

Nesse contexto, a reflexão de Moita Lopes (2006) sobre uma abordagem indisciplinar reforça essa ideia, ao considerar que o ensino e o uso de línguas são práticas políticas e éticas, e não meramente técnicas. A indisciplinaridade proposta pelo autor implica compreender o ensino de línguas como um espaço de diálogo entre saberes, que ultrapassa os limites da linguística e se abre para dimensões sociais, culturais e políticas, promovendo uma educação mais inclusiva, crítica e transformadora. Essa perspectiva reconhece que a linguagem é constitutiva das identidades e das relações sociais, e que o ensino de línguas pode atuar como espaço de enfrentamento das desigualdades e de produção de sentidos contra-hegemônicos.

No ambiente escolar, o contato com a LI, dado o seu estatuto de língua estrangeira/estranha, que representa o desconhecido, algo que ainda não se fixou em palavras

que oprimem, pode revelar novas possibilidades de existência, muitas vezes silenciadas pela língua materna em razão de tabus, censuras ou apagamentos institucionais. Além disso, a ampla circulação do inglês em mídias e espaços digitais favorece o encontro com representações positivas da diversidade de gênero e sexualidade, permitindo que sujeitos LGBTQIA+ acessem referências culturais que historicamente lhes foram negadas.

Assim, ao relacionar o ensino de língua inglesa aos processos de construção identitárias de pessoas LGBTQIA+, compreende-se que essa prática poderia se mostrar como um ato político e transformador, e contribuir para o autoconhecimento e a visibilidade de sujeitos dissidentes. Em consonância com Moita Lopes (2006), o ensino de línguas deve ser visto como um ato ético e socialmente engajado, capaz de promover a reflexão crítica sobre as formas de vida e os discursos que organizam o mundo contemporâneo. Essa perspectiva nos leva, portanto, a analisar como essas dinâmicas se desenrolam no contexto educacional brasileiro, marcado por normas heteronormativas e desafios específicos para a comunidade LGBTQIA+.

3 RELAÇÕES ENTRE EXPRESSÕES LGBTQIA+ E A EDUCAÇÃO

No contexto sociocultural brasileiro, a heteronormatividade constitui-se como uma lógica dominante que regula comportamentos, identidades e expressões de gênero, determinando o que é considerado legítimo e aceitável nas relações sociais. Essa estrutura atua de modo a naturalizar a heterossexualidade como norma, relegando as demais expressões de desejo e identidade a posições de marginalidade. Miskolci (2009) destaca que essa ordem social, ao se apresentar como natural e universal, oculta o caráter político de sua manutenção, perpetuando desigualdades e exclusões. Nessa mesma direção, Gill e Orgad (2019) argumentam que as categorias de gênero e sexualidade não são dadas, mas construídas discursivamente, sendo moldadas por regimes de verdade que reforçam hierarquias e legitimam a heteronormatividade.

No espaço escolar, essa lógica se reproduz tanto de maneira explícita, por meio de discursos, práticas e currículos, quanto de modo sutil, nos gestos, silêncios e omissões institucionais. Guizzo e Ripoll (2015) ressaltam que, ao privilegiar determinadas identidades em detrimento de outras, a escola reforça a marginalização de sujeitos LGBTQIA+, restringindo sua participação e visibilidade. Nesse sentido, o ambiente educacional, que deveria promover o diálogo e a diversidade como propõe a BNCC (Brasil, 2018, p. 9) em suas competências gerais da educação básica — “Valorizar a diversidade de saberes e

vivências culturais [...]” — acaba, muitas vezes, funcionando como um mecanismo de reprodução das normas sociais hegemônicas.

As reflexões de Foucault (1976) sobre a sexualidade são essenciais para compreender como essas normas são produzidas e naturalizadas. O autor propõe que a sexualidade não é uma essência individual, mas uma construção histórica e política, resultante de práticas discursivas que delimitam o que pode ou não ser dito, vivido e reconhecido. Assim, entender a sexualidade como efeito de discursos e relações de poder permite desnaturalizar o que se considera “normal” e abrir espaço para múltiplas formas de existência.

Nessa perspectiva, a língua assume papel central na constituição e negociação das identidades. Nelson (2009), ao analisar contextos de ensino de língua inglesa, observa que:

Em contextos educacionais, a heterossexualidade é amplamente reconhecida, mas outras sexualidades são frequentemente ocultadas. Compreender as categorizações da sexualidade como inter-relacionadas, em vez de separadas [...] permite focar nas identidades sexuais em si, e não apenas nas minorias sexuais.⁷
(p. 207)

A autora evidencia que as práticas discursivas no ensino de línguas frequentemente tornam a heterossexualidade visível e legítima, enquanto outras sexualidades permanecem invisibilizadas. Entretanto, ao compreender as sexualidades como inter-relacionadas e dinâmicas, o ensino de inglês pode tornar-se um espaço para visibilizar e problematizar as identidades sexuais, deslocando o foco do “minoritário” para a complexidade das experiências humanas.

Dessa forma, as aulas de língua inglesa poderiam se configurar como espaços de resistência e reconstrução de identificações, em que estudantes LGBTQIA+ encontrem oportunidades de se expressar e de desafiar normas que limitam suas existências. A língua estrangeira, nesse contexto, transcende seu papel comunicativo, funcionando como um território simbólico de agência, empoderamento e transformação social.

Assim, ao relacionar o ensino de língua inglesa aos processos de construções identitárias de pessoas LGBTQIA+, compreende-se que essa prática pode atuar como um ato político e ético, voltado à promoção da autonomia, da reflexão crítica e da valorização da diversidade. É a partir desse horizonte teórico que se insere esta investigação, cujo objetivo é investigar como a língua inglesa perpassou as identidades de pessoas LGBTQIA+ que

⁷ Tradução minha de “In education contexts, hetero-sexuality is widely acknowledged, yet other sexualities are often hidden. Understanding categorizations of sexuality to be interrelated rather than separate [...] enables a focus on sexual identities rather than just sexual minorities.”

escolheram se formar professores/as de língua inglesa. Na sequência são apresentados os caminhos metodológicos percorridos durante o desenvolvimento da pesquisa.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e exploratória, voltada à compreensão de experiências subjetivas e simbólicas relacionadas à construção de identificações de professores/as em formação LGBTQIA+. Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória busca proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e favorecendo a formulação de hipóteses e categorias de análise. A abordagem qualitativa mostra-se adequada por permitir interpretar os sentidos atribuídos pelos participantes às suas vivências com a língua inglesa, considerando os contextos sociais, afetivos e culturais que as permeiam.

O estudo foi desenvolvido no Instituto Federal de Brasília (IFB), campus Riacho Fundo, no Curso Superior de Letras-Ingês (Licenciatura) e contou com a participação de quatro licenciandos/as que se autodeclararam pessoas LGBTQIA+. A escolha dos participantes se deu através da ferramenta das Redes Sociais (Milroy; Llamas, 2013), em que o pesquisador aciona sua rede de contatos pessoais, sejam eles de primeira ordem ou de segunda ordem, com base na relevância de suas experiências para a compreensão do fenômeno estudado. A pesquisa busca valorizar a pluralidade de trajetórias e percepções, sem se restringir a um subgrupo específico dentro da sigla LGBTQIA+.

A geração dos dados seguiu a perspectiva de Bauer, Gaskell e Allum (2010), segundo a qual os dados qualitativos são produzidos a partir de instrumentos elaborados especificamente para a investigação. Nesse sentido, foram elaborados dois instrumentos principais, que podem ser consultados nos Apêndices A e B: uma atividade Narrativa e uma Entrevista Semiestruturada. Na Narrativa, com o intuito de identificar experiências pessoais que contribuíram para a construção de suas identidades, os participantes foram convidados a relatar, por escrito, o que a língua inglesa significava para si e para suas histórias. Já na Entrevista Semiestruturada, foram feitas perguntas que aprofundaram os sentidos e percepções emergentes das narrativas, abordando tópicos relacionados ao uso da língua inglesa, à percepção de sua influência na autoexpressão e identificações, bem como reflexões sobre o ensino de língua inglesa e diversidade.

A construção do corpus foi realizada de forma presencial, em encontros individuais, e as Entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas com autorização dos participantes. Durante essas etapas, os participantes tiveram a oportunidade de revisitar momentos íntimos

de suas trajetórias e refletir sobre experiências marcadas pelo contato inicial com a língua inglesa, produzindo relatos que revelaram conexões profundas entre a língua, suas histórias e os modos como constroem e negociam suas identidades.

O material obtido foi submetido à Análise de Conteúdo, conforme proposta de Gerhardt e Silveira (2009), que envolve a organização, categorização e interpretação dos dados qualitativos a partir da identificação de padrões, temas recorrentes e significados atribuídos pelos participantes. Utiliza-se aqui a abordagem indutiva-construtiva como propõe Moraes (1999). A pesquisa toma como partida os dados obtidos através da análise dos instrumentos para elencar categorias que então serão embasadas com teoria.

Por fim, os resultados obtidos por meio das Narrativas e Entrevistas subsidiaram reflexões acerca da promoção de um ambiente de ensino de língua inglesa que aborda aspectos relacionados ao construto das identidades e à autoexpressão dos estudantes.

Todos os participantes foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido — TCLE (Cf. Apêndice C), assegurando o sigilo das informações e o direito de desistir a qualquer momento. Para assegurar o anonimato e a confidencialidade, os nomes dos quatro participantes foram substituídos por pseudônimos: Amélia, Eliane, Lavínia e Mateus. A condução da pesquisa seguiu rigorosamente as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta estudos envolvendo seres humanos nas áreas das Ciências Humanas e Sociais.

5 “ESSE OUTRO LUGAR SECRETO” EM ANÁLISE

Após análises exaustivas do corpus, foi possível identificar categorias que agrupam falas recorrentes e semanticamente próximas. Essas categorias emergiram principalmente a partir da repetição de palavras e expressões que ocupavam um mesmo campo semântico, indicando conteúdos de forte importância nos discursos dos participantes.

Ao longo do processo de análise, foram três as categorias emergentes. Para maior clareza elas estão separadas, embora na produção discursiva de cada participante elas apareçam, mais que entrelaçadas, de forma indissociável na produção discursiva de cada participante. A categoria “**Lugar secreto**” refere-se à língua inglesa como um espaço de esconderijo e proteção. Aquela intitulada “**Descoberta de si**” trata do uso do inglês como meio de explorar e compreender a própria identidade. Por fim, a categoria “**O Outro**” diz respeito às pessoas que influenciam a relação dos participantes com a língua e suas experiências de aprendizagem.

5.1 A língua inglesa como lugar secreto

Nesta categoria, a língua estrangeira aparece como um espaço de esconderijo afetivo, um território no qual os participantes podiam dizer, sentir e explorar aspectos de si que não encontravam lugar na língua materna, como é possível notar nos seguintes recortes discursivos (RDs) extraídos da Narrativa, primeiro instrumento aplicado aos participantes.

Eliane: [...] Sempre consumi muito conteúdo em inglês dentro de casa porque era uma forma de **guardar** as coisas para mim, afinal **só eu ia entender** os vídeos, poemas, tudo do que eu gostava que me fazia pensar “nossa, meus pais achariam muito estranho, me acharia estranha, se eles soubessem que eu gosto disso”.

RD1, Narrativa

Amélia: [...] Queria saber mais desse mundo. Parece que sempre me atrai pelo outro, pelo **oculto** de alguma forma. Nesse sentido, o inglês era esse outro **lugar secreto**.

RD2, Narrativa

Amélia: [...] Desse jeito não tinha evidências do que eu gostava porque **a maior parte das pessoas não entenderia**. Agora, adulto (ou pelo menos, mais velho), penso que a língua servia de **esconderijo** para as minhas vontades ao mesmo tempo que as amplificava. [...]

RD3, Narrativa

Como mostram os recortes de 1 a 3, para as participantes, o inglês funcionava como um espaço onde elas podiam manter certas partes de si protegidas. Eliane usa o idioma para guardar conteúdos que a faziam pensar e sentir coisas que, segundo ela, seriam vistas como “estranhas” pelos pais. Amélia, por sua vez, associa o inglês a algo secreto, e reforça essa ideia ao dizer que a língua escondia seus gostos justamente porque poucas pessoas poderiam entendê-los. Assim, os relatos indicam que o inglês atuou não apenas como um espaço “secreto”, mas também seguro, ao criar distância entre as participantes e o julgamento da sociedade

Nesse sentido, o corpus deixa ver como esta língua do outro, estrangeira, parecia permitir que as participantes explorem sentimentos e interesses de forma reservada, evitando a exposição direta. Nelson (2009) contribui para essa chave de leitura ao afirmar que, no ensino de língua inglesa, emergem espaços nos quais identificações dissidentes podem ser expressas mesmo em contextos marcados pela heteronormatividade. Assim, a LI parece atuar como refúgio simbólico que possibilita existências mais autênticas. Esse movimento aparece de forma ainda mais intensa durante a Entrevista de Lavínia, que compartilhou o momento em que se assumiu como mulher lésbica para sua mãe, experiência de grande relevância em

sua trajetória. Enquanto conversava com a mãe, que é professora de inglês, Lavínia escolheu fazer essa revelação na língua inglesa.

Lavínia: Eu acho que, às vezes, falar coisas na língua inglesa é um pouco **mais leve**. Por exemplo: quando eu fui — eu sou lésbica — e eu fui me assumir pra minha mãe, **eu falei em inglês**, porque eu estava com muito medo de falar, eu estava muito apreensiva sobre, e eu falei com ela em inglês, que é algo que é recorrente na nossa casa. Eu acho que o inglês também se tornou esse **lugar de escape**, sabe? Que era algo que eu estava tão nervosa de falar, e na língua materna, às vezes, se torna algo muito grande e pesado, e no inglês ainda sou eu, mas **é a Lavínia que fala inglês, é um pouco mais distante**. [...]

RD4, Entrevista

Ao escolher se assumir para a mãe usando a língua inglesa, Lavínia diz criar uma certa distância emocional que tornou o momento menos pesado, mais possível de enfrentar. Assim, o inglês atuou como espaço de proteção, um modo de dizer algo muito íntimo sem sentir o mesmo nível de exposição. Nesse sentido, a língua inglesa parece figurar como um refúgio simbólico, uma vez que permitiu que ela expressasse partes importantes de suas identidades sem o medo imediato do julgamento.

Enquanto para Lavínia o inglês ofereceu leveza em um momento de revelação, para Eliane a língua estrangeira operou como um meio de ocultar discretamente seus interesses e experimentações, como é possível perceber no seguinte trecho de sua narrativa.

Eliane: Me lembro até hoje de um vídeo do Youtube, um *edit* que colocava a Rapunzel de Enrolados e a Mavis de Hotel Transilvânia como um casal (e não acontecia nada, apenas um beijo) mas quando eu assisti, pela primeira vez, fiquei “meu Deus” e **assistia em silêncio**, sozinha, **com medo** de ser pega, mas agradecendo aos céus por ter a historinha em inglês, porque se alguém visse eu poderia **mentir**. Existem várias histórias minhas assim, mas, em resumo, o Inglês para mim sempre veio desse **lugar de conforto**, de saber que tudo ia ficar bem porque ninguém da minha família ia entender o que eu era, quem eu era, para me julgar.

RD5, Narrativa

A possibilidade de mentir abordada pela participante traz à luz um aspecto do funcionamento desse “lugar secreto”: o inglês parece ter permitido a construção de uma barreira de proteção, de modo a preservar sua intimidade. A necessidade de mentir indica que a participante estava inserida em um contexto no qual suas identidades, especialmente aquelas enquanto mulher lésbica, não podiam ser abertamente assumidas. Nesse sentido, Pennycook (2001) lembra que a linguagem é atravessada por relações de poder, o que ajuda a compreender por que o português, sua língua materna, opera como espaço de vigilância, enquanto o inglês abre brechas para resistir a esses controles. Assim, a LI funcionou como

um espaço que possibilitou experimentação, ainda que escondida, fugindo da vigilância familiar.

Amélia aborda a ideia apresentada nos RDs 2 e 3 durante sua Entrevista, explicando de forma mais detalhada o motivo de utilizar a língua inglesa como um esconderijo para aspectos de sua identidade.

Amélia: [...] quando eu comecei a me perceber como pessoa LGBT, eu comecei a pesquisar muito na internet “*Girls kissing*”. Nossa, gente, que isso. Mas eu botava em inglês porque **ninguém ia saber** desse meu **oculto**. Então eu acho que é muito intrínseco uma coisa à outra, porque **minha identidade era algo que eu queria manter muito escondido** e a língua era algo... era o **meu segredo**, entendeu? Tipo, **meu código**. [...] Então, era tipo: tudo era um **segredinho**. O inglês era o meu segredinho porque a maioria das pessoas na minha volta não entendiam. Ser LGBT também era, porque eu **tinha medo de ser LGBT**. Então era tipo um casamento perfeito, assim: eu poderia descobrir todo esse mundo que a língua consegue te dar, te abrir as portas assim completamente, mas ao mesmo tempo em **segredo**, o que é muito louco, né? Porque é uma coisa tão grande, só que **ninguém sabe**.

RD6, Entrevista

O motivo central para Amélia recorrer à LI era o medo de ter sua identidade descoberta. Ao realizar buscas em inglês, ela parecia se certificar de que familiares ou pessoas próximas não tivessem acesso ao “oculto” que ela tentava proteger. Essa dinâmica pareceu permitir que Amélia explorasse conteúdos ligados à sua orientação sexual sem ser vigiada ou julgada, criando um espaço seguro onde pudesse explorar suas identidades em segredo.

Longe de um olhar regulador imposto por uma sociedade heteronormativa, a língua demonstra se constituir como um código, capaz de proteger emoções, desejos e experimentações identitárias que, em português, seriam possivelmente percebidas como excessivamente expostas, julgáveis ou arriscadas. Assim, o “lugar secreto” criado pelo inglês parece não ser apenas uma escolha, mas uma estratégia de sobrevivência emocional e identitária vivenciada pelos participantes.

Já Mateus, embora não pareça representar a língua como espaço secreto, não deixa de representá-la como espaço seguro. Em sua Narrativa, o participante menciona sentir-se mais seguro produzindo textos em inglês do que em português, o que sugere algum grau de proteção subjetiva, embora não tenham sido identificados outros elementos discursivos que desenvolvessem essa relação.

Mateus: [...] Para além disso, ela (língua inglesa) está atrelada ao meu lado mais criativo e íntimo, uma vez que eu me sinto **mais seguro** de produzir certos tipos de textos em inglês do que em P.T.

RD7, Narrativa

5.2 A língua inglesa como descoberta de si

Nesta categoria, a língua estrangeira aparece como um espaço de descoberta identitária, um território no qual os participantes encontraram palavras, referências e modos de existência que acreditavam não estar disponíveis na língua materna. Como argumenta Hall (2006), a identidade não é algo fixo, mas um processo em constante construção e reconstrução. Nesse sentido, a língua inglesa aparece nos relatos como um dos espaços onde esses deslocamentos identitários se tornam possíveis. Isso pode ser observado, por exemplo, no RD8:

Lavínia: O primeiro livro lésbico que eu li me marcou muito. Eu fiquei muito sentida, foi muito... sei lá, quase chocante, assim, ler que isso é possível e que não é algo necessariamente ruim. E tudo que eu já tinha visto sobre era sempre sofrido: esse amor proibido, esse amor doloroso, esse amor que você nunca vai conseguir. E aí eu li uma fanfic no *Tumblr*; que é rede social, que era sobre duas mulheres e tinha um final feliz, e era lindo e me marcou muito. E eu era novinha na época. Eu acho que **foi muito importante pra eu também ter outra perspectiva do que é ser lésbica**, que é... que não é algo negativo. Enquanto, tipo, tudo no português que eu associava a lésbica era “sapatão”, é algo ruim, são essas pessoas que são... eu nem conheço, que são jogadas pra um lado. Enquanto na internet, **com inglês, eu pude achar essas outras pessoas**, cantoras que eu gostava muito, que falavam sobre gostar de mulheres e de uma forma boa, como algo positivo, **que era o que eu ainda não tinha encontrado**.

RD8, Entrevista

A fala de Lavínia parece demonstrar que o contato com conteúdos em inglês a ajudou a enxergar a homossexualidade de uma outra maneira. Enquanto, em seu cotidiano, as imagens ligadas a ser lésbica eram apresentadas a partir de estigmas, na internet, especialmente em produções em inglês, ela diz ter encontrado histórias e pessoas que mostravam outras possibilidades, um espaço onde outras versões de si tornaram-se possíveis. Assim, essa língua estrangeira parece ter atuado como um espaço que abriu novas formas para que a participante entendesse suas próprias identificações, oferecendo referências que antes não pareciam estar disponíveis para ela.

Essa leitura dialoga com a concepção de identidade proposta por Hall (2006), segundo a qual o processo identitário é sempre múltiplo, inacabado e construído na relação com discursos culturais específicos. Através do inglês, os participantes dizem encontrar repertórios que lhes permitiram nomear sentimentos, reconhecer vivências e compreender sua orientação sexual de formas que a língua materna, atravessada por silenciamentos, não possibilitava.

Essa dinâmica de descoberta por meio do inglês também está presente no relato de Mateus. Ao ser perguntado sobre como aprofundou o estudo da língua, ele menciona os conteúdos que pesquisava e que só estavam acessíveis em inglês:

Mateus: Então, eu usava esse tempo que eu tinha depois da escola para **pesquisar as coisas que eu tinha interesse**. Além disso, letras de música que eu gostava. Foi quando eu comecei a assistir, inclusive, *RuPaul's Drag Race*, que é uma série que é muito difícil até hoje se encontrar dublada. Você não encontra. Então, pra mim, que tinha interesse em assistir, **tinha que ser em língua inglesa**. Então, foi quando eu comecei a ter contato, pesquisando coisas do universo ou **coisas que eu tinha interesse, de outros universos, mas que só tinham em língua inglesa**.

RD9, Entrevista

Assim como Lavínia encontrou no inglês um acesso a novas formas de entender sua sexualidade, Mateus também relata que a língua desempenhou um papel importante na descoberta de outros mundos. No caso dele, o inglês parece ter lhe permitido acessar conteúdos que não estavam disponíveis em português, como séries e músicas que despertavam seu interesse. Se, por um lado, a língua se configura como um espaço de proteção, por outro, ela também parece operar como uma porta de entrada para novas formas de ver e significar o mundo.

Nesse sentido, a afirmação de Revuz “o eu da língua estrangeira não é, jamais, completamente o eu da língua materna” (1998, p. 225) ajuda a compreender porque essas descobertas se dão justamente na língua estrangeira. Ao romper parcialmente com as amarras simbólicas da língua materna, o inglês parece abrir espaço para significações antes impronunciáveis, ao permitir que estudantes encontrem na língua um espaço de reconhecimento e reflexão sobre si.

Essa espécie de descoberta de si não aparece apenas na relação com interesses pessoais e referências culturais, mas também na forma como os participantes passam a lidar com suas próprias emoções por meio do inglês. Alguns participantes também relataram como o inglês lhes permitiu acessar aspectos internos que antes não conseguiam nomear. É o caso de Amélia e Eliane, que destacam o papel da língua na descoberta de seus próprios sentimentos.

Amélia: [...] Eu acho que com filmes e músicas você está **acessando ali a intimidade da pessoa**, e isso é muito tocante pra mim. Então, se a pessoa está se mostrando tanto nesses conteúdos todos, eu consigo, tipo, **me identificar**. Principalmente, como você viu, né, é algo que eu sempre estava escondendo também, tipo, meus sentimentos etc. Então, quando eu via num filme, alguma coisa assim, principalmente em **uma língua que ninguém entendia, e eu entendia**, acho que eu tinha esse sentimento de tipo: nossa, eu entendo, sabe? Então, a **identificação**, tipo, como se fosse ao cubo, assim, sabe? **Estou me identificando**

porque está em uma língua que só eu sei, ou que poucas pessoas sabem, e **porque o que a pessoa está falando é muito intenso e é muito cru, assim.**

RD10. Entrevista

Eliane: A gente até zoa a pessoa que, do nada, fala uma palavra em inglês, mas eu sou muito essa pessoa, porque **tem palavras que são mais fáceis pra gente se expressar em inglês.** Eu escrevi ali também, mas o inglês, pra mim, ele não é só pra comunicação, ele foi como eu comecei a **entender como eu me sentia.** Então, tem **muitas coisas sobre sentimentos que eu não sei falar direito em português,** mas eu sei falar em inglês porque eu aprendi assim. E também expressões, né, muita gíria de internet que a gente só sabe em inglês, então muda muito.

RD11. Entrevista

Os relatos de Amélia e Eliane revelam que o inglês atuou na forma como ambas reconhecem e expressam seus sentimentos. Para Amélia, acessar filmes e músicas em inglês permitiu entrar em contato com emoções intensas e reconhecer aspectos que ela mesma mantinha escondidos, criando um espaço de identificação. Já Eliane diz que passou a entender mais de seus sentimentos através da LI, porque foi nessa língua, por meio de conteúdos e práticas discursivas que consumia, que aprendeu a reconhecer e dar forma às próprias emoções. Assim, o inglês parece ter sido o espaço que as possibilitou abordar seus sentimentos e ampliou a compreensão de suas próprias experiências, contribuindo para a construção de suas identificações.

Além de nomear sentimentos, o inglês também se tornou, para alguns participantes, um espaço de produção. No caso de Amélia, essa relação aparece de forma explícita quando ela descreve como a língua deixou de ser apenas um meio de acesso a outros mundos e passou a fazer parte seu próprio espaço:

Amélia: Primeiro o inglês era tipo isso, o outro, e aí... Sabe, descobrindo músicas e **tentando entender o mundo do outro.** Aí depois que eu entendi e sabia como usar essa língua do outro, **ai agora, tipo, eu começava a escrever.** E eu lembro que eu era um adolescente muito depressivo assim, né, muito triste. Então, eu escrevia muito.

RD12, Entrevista

Esse movimento de usar o inglês para reconhecer e expressar sentimentos revela a possibilidade de tornar-se um outro através das identificações com a língua como propõe Coracini (2000). Inicialmente, o inglês aparecia para Amélia como uma porta de entrada para mundos que não eram os seus. Esse contato parece ter se transformado quando a participante aborda ter aprendido a “usar essa língua do outro”, então ela demonstra fazer sua a língua do outro. Esse deslocamento reforça o caráter subjetivo que a aprendizagem de línguas pode ter e mostra como a participante passou a utilizar a língua como espaço de autoexpressão para abordar seus sentimentos em uma outra perspectiva.

5.3 A língua inglesa e o outro

Nesta categoria, o outro refere-se às pessoas que atravessam a trajetória dos participantes e exercem influência significativa em seus processos de aprendizagem da língua estrangeira. A presença do outro pode ser compreendida, por um lado, à luz de Moita Lopes (2006), que afirma que as práticas de linguagem são políticas e moldam as relações sociais e identitárias. Os relatos mostram que, quando o inglês é utilizado como código para evitar o julgamento parental, ou quando pessoas inspiram o desejo de aprender a língua, o outro pode desafiar ou reforçar estruturas de poder. Em alguns casos, essa presença se manifesta como uma figura de autoridade que reprime expressões identitárias dissidentes. Esse impacto é perceptível no recorte discursivo 13.

Eliane: Sempre consumi muito conteúdo em inglês dentro de casa porque era uma forma de guardar as coisas para mim; afinal, só eu ia entender os vídeos, poemas, tudo de que eu gostava e que me fazia pensar: “**Nossa, meus pais achariam muito estranho, me achariam estranha se soubessem que eu gosto disso**”.

RD13, Narrativa

Ao recorrer a conteúdos em inglês como forma de manter em segredo aquilo que lhe despertava interesse, Eliane revela que a língua estrangeira funcionava como um espaço de proteção. O inglês agiu como estratégia subjetiva para lidar com o olhar julgador do outro, permitindo que ela explorasse aspectos de sua identidade sem a intervenção ou vigilância do ambiente familiar. Essa dinâmica mostra como o processo de aprendizagem da língua é atravessado por relações de poder e por tensões entre o eu e o outro.

As figuras de autoridade, contudo, não aparecem apenas como agentes de repressão. Em outros contextos, elas também podem oferecer suporte emocional e contribuir positivamente para o processo de aprendizagem.

Amélia: [...] acho que meus primeiros contatos com a língua inglesa foram por conta das músicas que eu ouvia quando era criança. **Meu pai sempre gostou**, meus pais, no geral, **minha família sempre gostou muito de música**, de música no geral e de música estrangeira. Então, acho que **meu primeiro contato foi por meio disso** e, depois, com filmes, séries e desenhos.

RD14, Entrevista

Lavínia: Ao pensar na língua inglesa, penso, imediatamente, na **minha mãe**. Crescer com uma professora de inglês, que **sempre usou e explorou a língua em casa**, transformou o inglês em um **espaço afetivo**.

RD15, Narrativa

No recurso discursivo 15, a mãe ocupa um lugar de acolhimento, fazendo da língua inglesa um ambiente seguro e emocionalmente significativo. Da mesma forma, no caso de Amélia, o contato com o inglês também foi mediado pela família naquele momento, especialmente pelo pai e pelo ambiente que marcava sua infância. Assim como Lavínia, ela experimenta, nesse recorte, a presença do outro não como repressão, mas como afeto e abertura, encontrando na família um ponto de apoio que favorece sua aproximação com a língua.

Os recortes discursivos 14 e 15 mostram que o “outro” também pode atuar como facilitador de experiências positivas, ampliando o acesso, o interesse e o vínculo afetivo com a língua estrangeira, influenciando diretamente a forma como ambas constroem sua relação com a língua e consigo mesmas. Pennycook (2001) contribui para entender esse movimento ao destacar que a língua opera sempre dentro de relações de poder e resistência, fazendo com que o outro, seja ele repressivo ou acolhedor, influencie diretamente a forma como os participantes se percebem e se posicionam.

Além das figuras familiares, também é possível identificar a figura de professoras que desempenharam um papel importante no percurso dos participantes. Como é possível identificar nos relatos de Mateus e Amélia.

Mateus: No sexto eu comecei a ter contato e a estudar, mas o interesse em aprofundar os estudos foi na parte do ensino médio, quando eu tive **uma professora que me inspirou**, assim, porque ela era professora de língua inglesa e ela era, tipo, maravilhosa. **Ela abriu, assim, minha visão**, não só para a língua inglesa, mas de forma geral para a educação.

RD 16, Entrevista

Amélia: E aí eu tive **duas professoras que eram muito incríveis**, e uma delas ficava militando a aula toda. [...] Eu lembro de ouvir Nina Simone na aula dela, e eu já gostava de Nina Simone, mas ela trazia, tipo, **eu fiquei mais interessada**. [...] E eu lembro disso muito marcante. A outra experiência foi com outra professora, que também era incrível. **Ela sempre tava desafiando a gente a aprender a língua de alguma outra forma**, tipo usando coisas diferentes. Então, acho que essas duas experiências, além disso que eu falei, de entender um mundo que eu não entendi. Então, quando eu comecei a entender esse mundo, eu fui abrindo portas pra outros que eu não tinha necessariamente ideia, sabe?

RD 17, Entrevista

Os relatos de Mateus e Amélia evidenciam que o “outro” também se manifesta por meio de figuras docentes que ampliam horizontes e despertam novas formas de relação com a língua. No caso dos RDs 16 e 17, é possível identificar o movimento de tornar-se outro a partir do contato com o diferente, tal como proposto por Revuz em sua abordagem das identificações. Esses encontros revelam que os professores/as, enquanto outros, podem criar

condições para que a língua seja vivida de forma sensível e intelectual, abrindo caminhos para novos interesses, novos mundos e novas possibilidades de existir.

De modo geral, as três categorias mostram que a relação dos participantes com a língua inglesa demonstra ser atravessada por dimensões afetivas, identitárias e sociais que se entrelaçam. Assim, a aprendizagem da língua estrangeira aparece como um processo marcado por afetos, tensões e relações de poder, no qual os participantes negociam quem podem ser, o que podem dizer e com quem podem compartilhar suas vivências. Desse modo, as categorias, embora apresentadas separadamente, compõem um mesmo movimento: o de compreender a LI como um território onde se articulam experiências de refúgio, reconhecimento e influência do outro na construção identitária dos participantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o objetivo desta pesquisa é possível concluir que a língua inglesa, de fato, contribuiu para processos de auto(re)conhecimento, pertencimento e construção identitária dos participantes LGBTQIA+. As análises realizadas neste estudo deixam ver que a língua inglesa pode desempenhar um papel central na construção de identificações de licenciandos/as de Letras-Inglês autodeclarados/as LGBTQIA+, de modo a operar como espaço, antes de tudo, de proteção e segurança, e, à certa altura, de mediações de relações com o outro. As análises do corpus demonstram que, diante de contextos familiares e sociais marcados por normas heteronormativas, a escola muitas vezes não se apresenta como um espaço seguro para explorar ou manifestar identidades dissidentes.

Nesse cenário, o inglês surgiu como um “Lugar Secreto”, oferecendo espaço de proteção, liberdade e a possibilidade de experimentar e expressar aspectos de si que seriam invisibilizados ou julgados em sua língua materna. A categoria “Descoberta de si” mostrou que o contato com conteúdos culturais, digitais e audiovisuais em inglês permitiu aos/às participantes acessar referências identitárias e emocionais que não estavam disponíveis em português, favorecendo processos de autoconhecimento e emancipação. Por sua vez, a categoria “O Outro” evidencia a importância das relações interpessoais na aprendizagem: figuras familiares ou docentes podem tanto reforçar limitações quanto promover estímulos afetivos e intelectuais que ampliam o engajamento e a identificação com a língua.

Mesmo havendo documentos que preconizam o ensino da língua inglesa considerando diferentes perspectivas de vida, para os participantes deste estudo, que são professores/as em formação, a escola não surge representada como o espaço que lhes permitiu acessar essas

identificações. Longe disso, o corpus revela que o que parece ter possibilitado tal contato foram a língua inglesa e as pessoas com as quais interagiram. Dessa forma, seria relevante que perspectivas identitárias de pessoas LGBTQIA+ estivessem presentes de forma explícita nos documentos balizadores educacionais, de modo que uma educação mais diversa e inclusiva pudesse ser realizado por todos/as os/as docentes, e não apenas por aqueles/as que pessoalmente acreditam na importância desses temas. A partir disso, poderiam ser pensadas estratégias pedagógicas que favorecessem a inclusão e o reconhecimento de diferentes identidades nas práticas de ensino, em especial da língua inglesa.

Esta pesquisa, embora realizada em pequena escala e com uso de dois instrumentos de coleta de dados (Narrativas e Entrevistas Semiestruturadas), demonstra a relevância de se considerar a língua estrangeira como um espaço simbólico de resistência, pertencimento e construção identitária para sujeitos LGBTQIA+. Os resultados indicam que, para professores/as em formação, autodeclarados/as parte da comunidade LGBTQIA+, a língua inglesa não se limita a uma ferramenta de comunicação, mas atua como espaço que pode promover experiências afetivas, culturais e identitárias. Estudos futuros podem ampliar essa investigação, ao envolver diferentes contextos escolares e experiências de outros sujeitos LGBTQIA+, de modo a compreender de forma mais abrangente o papel das línguas estrangeiras na promoção de ambientes educativos mais inclusivos e na valorização da diversidade. Encerrar este percurso investigativo não apenas ampliou meu olhar retórico sobre língua e identificações, mas também ressignificou minha relação com minha própria história. Esse processo reafirma a importância de práticas educacionais que reconheçam e valorizem a diversidade.

REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N . C. **Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento**: evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G . (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: u m manual prático. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Básica. Brasília: MEC, 2017.

CORACINI, Maria José. **Subjetividade e identidade do professor de português**. Trabalhos em linguística aplicada, v. 36, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILL, Rosalind; ORGAD, Shani. *The shifting terrain of sex and power: From the 'sexualisation of culture' to Me Too*. *Sexualities*, v. 21, n. 8, p. 1313-1324, 2018.

GUIZZO, Bianca; RIPOLL, Daniela. **Gênero e sexualidade na educação básica e na formação de professores**: limites e possibilidades. *Holos*, v. 6, p. 472-483, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

LOPES, Moita. **Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar**. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, p. 11-24, 2009.

LOURO, Guacira. **Teoria queer**: uma política pós-identitária para a educação. *Revista estudos feministas*, v. 9, p. 541-553, 2001.

MILROY, Lesley; LLAMAS, Carmen. **Social networks**. *The handbook of language variation and change*, p. 407-427, 2013.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, p. 150-182, 2009.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NELSON, Cynthia. **Sexual identities in English language education: Classroom conversations**. Routledge, 2008.

PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction**. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

REVUZ, Christine. **A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio.** *Lingua(gem) e identidade.* Campinas, SP: Mercado das Letras, p. 213-230, 1998.

APÊNDICE B

Roteiro - Entrevista Semi-estruturada

- Como começou seu contato ou interesse pela língua inglesa?
- Quais experiências você considera mais marcantes no seu processo de aprendizagem da língua inglesa?
- Você já vivenciou situações em que o inglês teve um papel especial em sua vida pessoal ou acadêmica? Quais?
- Você sente que o uso da língua inglesa influencia a forma como você se expressa ou se percebe?
- Você vê diferenças na sua relação com a língua inglesa em comparação com sua língua materna?
- Você acredita que consumir conteúdos em inglês (músicas, filmes, séries, redes sociais, etc.) contribuíram para suas reflexões sobre identificação e pertencimento? De que modo?
- Como essas vivências pessoais com a língua inglesa influenciam sua formação como futuro(a) professor(a)?
- Você acredita que o ensino de inglês pode ser um espaço para discutir temas relacionados à diversidade e identidade de gênero e sexualidade?
- Que tipo de prática pedagógica ou atividade você acredita que poderia favorecer um ambiente mais inclusivo para estudantes LGBTQIA+ nas aulas de inglês?
- Você percebe alguma relação entre o contato com o inglês e a forma como compreende sua identificação enquanto pessoa LGBTQIA+?
- Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre sua relação com o inglês ou sobre o tema da pesquisa?

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “A LÍNGUA INGLESA COMO ESPAÇO DE AUTOEXPRESSÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE PROFESSORES LGBTQIA+ EM FORMAÇÃO”, desenvolvida por Wendel de Lacerda Silva, aluno do curso superior de Licenciatura em Letras – Inglês do Instituto Federal de Brasília – Campus Riacho Fundo, sob orientação do Prof. Dr. Newton Vieira Lima Neto.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como a língua inglesa influencia a construção de identidades de professores de língua inglesa em formação que se autodeclaram parte da comunidade LGBTQIA+, considerando a língua como um espaço simbólico de autoexpressão e pertencimento.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, você será convidado(a) a participar de três etapas principais:

- Atividade narrativa, na qual relatará, por escrito, experiências pessoais relacionadas à aprendizagem e ao uso da língua inglesa e demais conexões possíveis;
- Entrevista semiestruturada, que será gravada em áudio, mediante sua autorização, e abordará questões sobre vivências, percepções e sentidos atribuídos à língua inglesa;
- Questionário, voltado à caracterização dos participantes e à coleta de informações sobre hábitos, usos e percepções sobre a língua inglesa em um contexto pessoal e profissional.

A duração total da participação será de aproximadamente 40 a 60 minutos, podendo variar conforme o andamento da entrevista e a disponibilidade do(a) participante. As atividades ocorrerão em ambiente reservado e tranquilo, assegurando privacidade, conforto e liberdade de expressão. Não será realizada a coleta de imagens, vídeos ou qualquer material biológico.

Durante sua participação, não há riscos físicos iminentes. No entanto, é possível que surjam desconfortos emocionais leves, caso temas relacionados a identidades ou experiências pessoais despertem lembranças sensíveis. Esses desconfortos poderão ser minimizados, uma vez que nenhuma pergunta será obrigatória, e o(a) participante poderá interromper ou desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou necessidade de justificativa.

Sua participação poderá trazer benefícios indiretos, como:

- Oportunidade de refletir sobre sua trajetória e identidade pessoal e profissional;
- Contribuição para discussões acadêmicas sobre diversidade, inclusão e ensino de línguas;
- Possibilidade de fortalecimento de práticas pedagógicas mais inclusivas no ensino de língua inglesa.

Os dados gerados serão tratados de forma estritamente confidencial e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos. As falas serão identificadas por pseudônimos, de modo que não haja possibilidade de reconhecimento da identidade dos(as) participantes. Os registros de áudio e demais documentos ficarão armazenados em local seguro e acessível apenas ao pesquisador responsável, sendo mantidos por cinco anos e, posteriormente, descartados.

Em caso de dúvidas ou necessidade de esclarecimentos, você poderá contatar os pesquisadores responsáveis:

Pesquisador: Wendel de Lacerda Silva
Instituição: Instituto Federal de Brasília – Campus Riacho Fundo
E-mail: wendel.lacerda2@gmail.com

Orientador: Dr. Newton Vieira Lima Neto
Instituição: Instituto Federal de Brasília – Campus Riacho Fundo
E-mail: newton.neto@ifb.edu.br

Após ter sido esclarecido(a) sobre os objetivos, importância, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa, eu, _____, autorizo minha participação na pesquisa mencionada, bem como a divulgação dos dados gerados em congressos ou publicações científicas, desde que minha identidade não seja revelada.

Brasília, ____ de _____ de 2025.

Assinatura do(a) participante

Eu, Wendel de Lacerda SILVA, pesquisador responsável pela pesquisa, declaro que assumo a responsabilidade de conduzir a pesquisa de acordo com os procedimentos descritos neste termo, garantindo os direitos, a privacidade e a integridade dos(as) participantes, bem como a confidencialidade das informações fornecidas.

Brasília, ____ de _____ de 2025.

Assinatura do pesquisador responsável